



Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 30 de maio de 1852 - Edição 22

Link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=202>

TOMO I – DOMINGO 30 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

modas, literatura, bellas-artes, theatros e critica.

o programa e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina.

## UM NOIVO

### Achado dentro de uma cabelleira.

---

Facto veridico em 1786.

Quando o nosso bello Rio de Janeiro, ainda sob o dominio dos vice-reis, mal conhecia as modas e seus infinitos accessorios, que alindão hoje quase todas as boas lojas da cõrte com tanta profusão, fazendo as delicias das moças e moços e velhos tambem; quando *sómente* na botica do *Fanha* se encontrava a pomada cheirosa, tão procurada então pelas nossas boas avós, cujas cabeças se perfumavão e preparavão com tanta ou mais vaidade, que actualmente suas modernas netinhas; quando o queijo e a pimenta se denominavão *do Reino* porque só do reino (está entendido que era o de Portugal, porque d'outro se não fallava) nos vinhão taes artigos; quando, só em rarissimas casas, havia o modesto *Cravo* e a enfeitada *Cithara*, em que era difficil ouvir melodias; quando as nossas bellas patricias de então não desdenhavão, em qualquer reunião, depois do methodico *Minuete* tocar por chibanca o popular *Picapáu*, dando com ambas as mimosas mãos movimentos rapidos nos lindos queixinhos para produzirem estalidos, cujo *trique-troque*, imitando o trabalho do passaro assim denominado, deu o nome a esse *farrundim*, pelo qual muitos de nossos avós ficarão pelo queixo captivos e presos; quando finalmente no

nosso Rio de Janeiro as infernaes *rottulas* e *cadeirinhas* fizeram desesperar a mais de um moço daquelle tempo, como ainda hoje confissão alguns veteranos, que cá por nos restão; morava na rua dos Ourives, perto da do Alecrim, um mancebo estudioso, sobrinho de um veneravel sacerdote habitante de uma das melhores casas da *Ilha secca*, e cuja irmã mais velha, senhora que era viuva, morava na rua do Sucú-sarará, nome por que era então conhecida a parte da rua da Quitanda entre a de S. José e a do Cano.

O jovem Paulo, este era o seu nome, sabia que um intimigo amigo do seu pai, o licenciado B.... tinha duas lindissimas filhas que nunca puzerão pé na rua senão para irem á missa de madrugada em Santa Rita, e acompanhadas de toda a familia.

Uma destas jovens porêrn tinha visto o bello Paulo, e apesar das empoeiradas rotulas de suas janellas, mais de uma vez o vira passar para casa do seu reverendissimo tio.

Naquelle tempo, como agora, cuipido não se descuidava de fazer travessuras; Ritinha teve seus sonhos, pensou em Paulo, nos seus lindos cabellos, no seu olhar vivo, no seu buço aveludado, e reparou no garbo de seu *fraque* azul, com botões de aço facejados, na sua bem talhada

– 22 –

—169—

Calça de ganga, e nos dias duplices no seu *robissão* cor de cauella, em uma palavra amou-o, e teve a indiscripção de o dizer á sua maninha, que o contou a tia de Paulo, quando uma vez esta senhora, que era da mizade da casa, lhes foi fazer uma visita em sua magestosa cadeirinha, circundada de uma escolta de mucambas, em quem os cordões de ouro, os *relicarios* não augmentavão tanto o luzimento, como a grande quantidade de pomada de que ião untadas, escorrendo-lhes pela testa e pescoço.

Esta senhora, casualmente um dia em familia, notou a conveniencia de um casamento entre Paulo e a filha do licenciado B.....; e isto foi bastante para incendiar no joven pensamentos que não tinha ainda a esse respeito.

Como em todos os tempos, os estudantes sempre forão da pelle do demo, e Paulo que não rejeitava talo de alface, ficou logo em bicos de canivetes assim que ouviu sua tia descrever a belleza encantadora de Ritinha.

Paulo, bem longe estava de cuidar em casar-se por procuração, e muito mais de encontrar em sua tia, senhora toda sisuda, protecção para uma declaração amorosa. E naquele tempo!

Ritinha não tinha pois meio algum de saber se Paulo desejava amal-a, e Paulo mal pensava que era elle o objecto dos cuidados da bella Ritinha.

Tudo estava nestes termos quando Paulo tomou a resolução de se fazer entendido.

Procurou os escravos do licenciado, e foi repellido com o terror que elles lhe mostrarão – só com o pensamento de entregarem um bilhete á senhora moça.

Esmoreceu.

Soffrendo tal contrariedade, Paulo assim passou algum tempo bem triste, até que concluiu os seus estudos e applicou-se ao commercio, tendo de seguir essa vida por morte de seu pai, cuja fortuna teve de administrar.

Estas sympathias são os nossos peccados.

Sempre com a idéa fixa, Paulo resolveu-se por fim a escrever á bella Ritinha, e procurou por todos os meios entregar-lhe um bilhete.

Tentando em vão mil meios todos frustrados ocorreu-lhe uma idea diabolica.

O licenciado B...., tendo ido ver o reverendissimo tio do nosso Paulo, lá em certo dia, ahi o encontrou tambem, e nessa occasião, attendendo Paulo sómente á sua paixão, e vendo que o licenciado trazia ampla cabelleira de caixos (daquelle tempo!) e que era curto da vista, sabendo mais que o seu primeiro cuidado ao chegar á casa era tiral-a e cobrir sua enciclopedia cabeça com barrete de seda, e que de sua respeitavel cabelleira só cuidavão suas filhas; com coragem pois diabolica introduziu o bilhetinho nos riçados da cabelleira, e entregou ao acaso o bom resultado do seu astucioso atrevimento.

Neste bilhete confessava Paulo á Ritinha o seu amor, sua paixão, o desejo que tinha de vel-a e de pedil-a para esposa, e rogava-lhe que no caso affirmativo dois golpes dados nas pontas da fita do rabicho da cabelleira protectora seria o signal venturoso ratificado pela sua delicada mãozinha, que devia estar

De fóra da janella ás 5 horas da tarde desse dia em que elle visse golpeada as fitas, a qual ficava sendo suas unicas esperanças....

Em consequencia da *gota* do reverendissimo, as visitas do escapulario erão diarias e matutinas, e o nosso Paulo se tornou assiduo enfermeiro.

No outro dia entrou o respeitavel licenciado e foi recebido com muita sollicitude pelo nosso Paulo, que, offerecendo-lhe assento, pediu-lhe ao mesmo tempo venia para endireitar-lhe o pescocinho que se tinha desmandadó.

O licenciado consentiu, e o nosso feliz Paulo viu as pontas da fita do rabicho golpeadas!...

Nessa tarde uma mãozinha se agitava por fóra da rotula de um sobrado no largo de Santa Rita, e dahi a um mez essa mesma mãozinha na igreja de Santa Rita descancava sobre a de Paulo, ambas unidas e cobertas pela sagrada Estola do vigario, em presença do tio padre e de ambas as familias.

Ritinha achara noivo dentro da cabellcira de seu pai!

As cabelleiras do meu tempo, minha neta, me disse minha avó que isto me contou, trazião noivos; hoje os noivos trazem cabelleiras, e bem feliz é a noiva que passada a lua de mel, e quando o noivo já não usa da sua formosa cabelleira de pretendente, vai tomar outra em alguma reunião de amigos *do tempo de solteiro* e volta para casa dando o terrivel desengano de que, se as cabelleiras são feias em noivos que só dellas usão – no acto do casamento para commetterem um verdadeiro estellionato, com maior razão é feia a *cabelleira alcoolica* no marido.

Como minha avó principiasse com suas dissertações philosophicas, que nada vem ao caso presente, só escrevi este conto e o transmitti ao *Jornal das Senhoras*, para ter o gostinho de dizer, ainda que o não veja impresso – Já escrevi tambem para o *Jornal das Senhoras*.

*Escolastica P. de L.*

## **O DUELO DAS DAMAS.**

### **I.**

O valle de Carriedo é dos sitios mais romanticos da vertente septentrional das Austrias: parece que n'elle se reunirão todas as naturaes bellezas para simultaneamente realisarem o ideal do poeta e do pintor. Vegetação vigorosa e aromatica, florestas virgens, ordenadas sobre amphitheatro de rochas variegadas; espumosas torrentes, que desde o cimo das montanhas se precipitão como artificiaes cascatas; jardins que a natureza creou espontaneos, pensis e fóra do

alcance da mão dos homens; caminhos de phantasiosas fórmãs, que remedão escadas assestadas para as nuvens, frequentadas só pela corça selvatica, ou pelo contrabandista que conseguiu ser o seu intrepido companheiro: nada falta áquella paizagem, verdadeiramente meridional, para fazer um dos quadros mais grandiosos que podem imagi-

—170—

nar-se. — No centro d'este espectaculo admiravel dão os olhos com a villa da Veega, graciosamente collocada no meio do painel que a circunda, ostentando ianda hoje sob aquelle ameno clima as amêas do castello, ennobrecido pelos que em o seculo XVI o habitárão.

N'uma serena tarde do mez de fevereiro de 1562, divisava-se un cavalleiro que a passo miudo subia pela escarpada ladeira, que findava no relvoso rocio, sobre a quâl o campanario de uma ermida campeava: era esta consagrada a Nossa Senhora de la Vega, padroeira de muita veneração; e a sua festevidade annual tinha nesse dia concluido, como annunciavão os repiques dos sinos, e os magotes de gente rustica, que se recolhião ás pousadas, cantando seguidilhas ao divino. O homem que subia o sêrro era D. Felix de Vega, senhor e donatario do solar e casaes d'essa villa, que com seu appellido era honrado: morador n'aquelle torrão desde que nascêra, no sitio que para assim dizermos seu pae fundára, tinha crescido, e prosperado, e vivido, sem conhecer um instante de desgraça ou melancolia; e a donzella asturiana, que puzera remate á ventura d'elle, por ventura que não teria nas Hespanhas rival na belleza, como na graça, e ternura d'esposa. Havia porém quinze dias que pela vez primeira, depois de cinco annos de matrimonio, a formosa Francisca Fernandez se achava ausente de seu nobre espozó.

No momento em que D. Felix chegava á corôa do cabeça attrahirão-lhe a attenção os clamores que sahião da ermida, e viu um troço de ca-ponios encolerisados, e no meio d'elles agitada e livrando-se uma mulher bastante moça com uma creança nos braços.

« Fôra, fôra a feiticeira.... não está aberta a igreja para taes excommungados» bradava a chusma empurrando a misera para fôra da capella.

« Não sou feiticeira nem excommungada, mens irmãos....» — contestava a rapariga com ademanes de supplicanie. — « Se o é meu marido, nem por isso deixo de ser hespanhola e catholica. como vós sois; e não podeis empecer-me que venha requerer para meu filho o baptismo, que merece tanto como vós merecestes... »

« Não ha baptismo para os malditos...» — Replicavão sem caridade os fanaticos. « Vai para a cova dos feiticeiros; Satanaz que te benza o filho. »

A desventurada mãe tinha de ceder á força, e retrocedia banhando em lagrimas a creança, que via reprobá; n'este passo, um sacerdote ancião, como pelas muitas cãs demonstrava, appareceu revestido de sobrepelliz no batente da porta. chamado alli pelo alarido dos rusticos: a mãe expulsa correu a elle animada d'esperança. D. Feliz sustido por este incidente que complicava a scena, reprimiu o seu primeiro impulso, que o levava a aquietar o tumulto; e chegou-se ao logar da algazarra para melhor indagar a causa e presenciar o desenlace. Um minuto de attenção pôz o ecclesiastico pastor ao corrente do que se passava, e conhecendo sua obrigação melhor que o tropel de amotinados, reprehendeu-os de sua dureza para com a infeliz mulher. Restabelecido o

silencio, pôde interrogar a mãe, que para seu filho requeria baptismo.

« Quem és?... E d'onde vens, minha filha!... » – lhe perguntou com voz meiga.

« Sou Joanna Valdés, mulher d'um judeo, que vaguea n'esta comarca: meu marido não é catholico; mas eu não deixei de sê-lo, e venho offerecer a Deus este fructo que dei á luz quinze dias ha. »

« Ainda que christã não fosses, teu filho, tinha jus a sê-lo, já que assim o pedes; porque as fontes sacrosantas do baptismo estão patentes a todas as humanas creaturas. »

Em seguida, tendo ademoestado de novo os camponezes, expôz-lhes que o meio de expiarem seu erro e cegueira era abençoarem elles proprios o menino, que acabavão de amaldiçoar,

« Escolhei do meio de vós (proseguiu) padrinho e madrinha.... »

Apenas o ministro do Evangelho pronunciára estas palavras, teve de interromper com dôr o seu discurso conciliador, vendo que os aldeãos, recobrando deshumanos sentimentos, lhe davão as costas, todos a um tempo, ao retirarem-se murmurando, outras pragas contra a presuposta feiticeira.

« Que é isto? (bradou indignado o sacerdote) todos abálão?... Nem um ficará para envergonhar os mais?!.... Não haverá uma mulher, uma mãe, que se apiade de sua irmã em Jesus-Christo?

E no instante em que este caritativo chamamento era pronunciado, sem produzir o effeito de que uma só cabeça para aquella banda se voltasse, chegava uma senhora pela parte opposta

a essa por onde viera D. Felix: presto desecavalgou ante o pastor, dizendo: – Serei eu a madrinha d'esse menino.

– « E eu o padrinho. » – acudiu D. Felix imitando a desconhecida.

Fóra de duvida que teve muita parte a humanidade no rapido impulso da vontade do Sr. de la Vega, que apenas por minutos foi prevenido pela proposição de sua futura comadre: porêm outro sentimento mui humano tambem o fizera approximar á formosa dama, pois que vira entre as pregas da mantilha elegante, brilharem dois pretos olhos, como estrellas veladas por nuvem rara.

Entrarão logo na capella; soárão os sinos, e o menino Feliz Paulo Valdés foi devida e solemnemente baptisado, escripto seu nome no registo parochial de Nossa Senhora de la Vega, a par dos do nobre fidalgo D. Felix, e da Sra. Paula de los Montes. Nada mais pôde alcançar o nosso cavalheiro n'aquella occasião a respeito de sua linda e quasi mysteriosa comadre, e se quiz obter permissão de visital-a teve de usar do seguinte estratagemma. – Ao descer pressurosamente da eminencia, acompanhando a senhora e a feiticeira, encontrou os magotes do povo que se recolhia, e lembrando-se de pôr á prova o regorismo d'elles, convidou-os para no dia seguinte assistirem ao banquete pelo baptismo do novo afilhado: tão golotões como fanaticos, sem reparo de se contradizerem, acceitárão promptos o grato offerecimento; e depois de por entre dentes soltar um epitheto que caracterisava a turba. D. Felix pas-

—171—

Sou a convidar a juvenil madrinha, que não pôde reccusar-se a uma festa, dada em obsequio d'ella.

Separárão-se, notificando-se á reunião para o dia immediato no castello de la Vega, e D. Felix veio á sua pousada. – Vinte e quatro horas depois teve lugar o banquete; a linda madrinha fôra obsequiada com honras quasi reaes no castello de la Vega, e D. Felix fizera dois descobrimentos que consignaremos n'este logar: – o primeiro, concernente á marquezia de la Puebla de los Montes, da qual soubera quanto cobiçara saber: era uma senhora da principal nobreza de Madrid, e viuva: o segundo descobrimento dizia immediatamente respeito ao proprio D. Felix; advertira que se achava perdido de amores por D. Paula.

*Continua.*

POESIA.

---

## **MORENA E LINDA.**

Morena e linda és um anjo,  
E's qual um celeste archanjo,  
E's uma ethérea visão;  
E's qual um ente celeste  
Que em mil luzeiros se veste  
Percorrendo a vastidão.

E's morena e feiticeira  
Dessa planície fagueira  
De teu belo Andarahy;  
E's pura qual uma estrella,  
Que no Céu, argentea e bella,  
A brilhar bem se surri.

Tua falla é tão fagueira  
Como o fallar da palmeira  
Em lindo alvor da manhã;  
Nessa trança tão lustrosa  
Folga a brisa, e pressurosa  
Beija-te a face louçã.

E's meiga qual uma fada



Que em serena madrugada  
Vem em sonhos se mostrar,  
E do sonho acalentado,  
Um sentir tão magoado,  
Só nos resta ao despertar.

Poética és como o sol  
Quando em fulgente arrebol  
Rompe á força um Céu d'anil;  
E's divina e és fagueira,  
Qual uma virgem guerreira  
Das silvas do meu Brasil.

E's morena a flor garrida  
Desabrochada, pendida  
Sobre as aguas do Soarão;  
Tua boca é graciosa,  
Como o botão d' uma rosa  
Transportada do Japão.

E's a virgem da floresta,  
Que indolente dorme a sésta  
Junto á sombra d'um bambú;  
Tu não tens da terra origem,

E' do sol candida virgem,  
Das do imperio do Perú.

Podia Urbino sonhar-te.  
Caravagio imaginar-te,  
Sonhar-te Rubens tambem;  
Qual uma urí do propheta  
O musulmano poeta  
Sonhar-te junta do harém.

E póde o sultão irado  
Julgar-te unida á seu lado  
Em doce sonho d'amor;  
E póde o louco pirata  
Julgar-te em sua fragata,  
Em sonhos ser teu senhor.

O mundo póde avistar-te  
E acordado adorar-te,  
Cantar-te vates tambem;  
Póde sim, anjo do Céu;  
Porêm amar-te só eu,  
Eu sozinho mais ninguem.

*Salomon.*

### Ditos espirituosos de Fontenelle.

---

Perguntando-lhe um dia a duqueza *du Maine* : « Que paridade havia entre um relógio e uma mulher? » Respondeu: « O relógio marca as horas, e a mulher faz esquecer-as. »

---

A mesma duqueza lhe perguntou outra vez! « Como é que tinha podido grangear tantos amigos, e não ter nem um só inimigo. » Porque sou sectário dos dois axiomas seguintes, respondeu elle – de que tudo é possível, e que todo o mundo tem razão.

---

Outra senhora, lhe pediu que dêsse a razão orque gostava de trabalhar ás escuras. « Gosto muito, é verdade, respondeu elle, da escuridão, mas é quando vos não vejo.

---

Um de seus amigos lhe fallou um dia ácerca le um negocio de que o tinha incumbido. « Peço-vos perdão, lhe disse elle, por não ter feito o que

# JORNAL DAS SENHORAS

## AS LAGRIMAS DA AMIZADE

Composta pela Ex<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Emilia Dulce Moncorvo de Figuero

*Moderato*

VALSA.

The musical score is written for piano and consists of four systems. The first system is marked 'Moderato' and 'VALSA.' with a 'pp' dynamic. The subsequent systems feature various dynamics including 'f' (forte), 'p' (piano), and 'pp' (pianissimo). The music is written in a key with three flats and a 3/4 time signature. The notation includes treble and bass staves with various musical symbols such as notes, rests, and slurs.



—172—

vos promettí. « Consequistes até, replicou o amigo, o que eu desejava. « Ah! sim, respondeu Fontenelle, não me esqueci de fazer o que me ordenastes.... mas esqueci-me de que o tinha feito. »

Compilados por

L. de B.

---

### CHRONICA DA SEMANA.

---

Apre com o tal meu *fidus Achates!* Ainda o dia está em casa de Nosso Senhor Jesus-Christo, e já me bate á porta o meu velho *Santos*, que me vem lembrar a tarefa de chronista. E valha-me Deus com a prebenda que desta feita é de duas semanas, que, segundo reza un livrinho com que muito lidamos na mocidade, e que passada a idade das primicias, deixamos no canto, fugindo-o como o demo da cruz, o qual intitula-se *Thesouro de Meninos*, e é tão velho como o diluvio, tem 14 dias, porque, como elle lá diz – uma semana tem sete dias! Se pois noticiar-vos quanto se passa nesta vasta cidade durante sete longos dias é tarefa por demais ardua, que não será a de particularisar quanto occorreu durante quatorze dias, isto depois de haver aturado as rabugices do velho *Santos* que me pregou tantos sermões, que me atirou tantos remos por me ter feito moita no domingo passado, chegando a dizer que o desgosto era geral entre as assignantes e classificando a minfia falta de – quebrantamento de fé – palavras que por sem

duvida elle ouviu a alguem. E tão arrenegada fiquei que pela primeira vez parti com elle, e por isso me deixou sem noticias a communicar-vos, tendo eu de recorrer ás dos periodicos, e ao que por mim mesma presenciei para relatar-vos o mais essencial.

De feito o *Santos* teve razão de se queixar de mim pela falta que commetti; mas não lhe quiz eu dar o meu braço a torcer então, o que faço positivamente a vós todas, pedindo-vos que me perdoeis esse crime, que creio não vem classificado no nosso codigo penal, criminal ou do processo – e o peor é que quiz dizer amor, e a lingua me não ajudou, porque a respeito da tal senhora justiça venero-a muito, com quanto ella seja cá do nosso sexo; mas como é cega, não lhe quero graças – porque bordoadada de cego quando não mata aleija.... mas deixemos o *Santos* em santa paz e a tal *mulherzinha-homem*, e *entremos em materia* como costumão dizer os nossos representantes da nação que supponho estão com paralisia na lingua, visto que tão poucas vezes se têm reunido.... Rompamos a marcha ao que vos importa, e lá vou eu....

– Nesta quadra de defluxos e de constipações foi S. M. o Imperador accommettido de uma forte defluxão, que o privou de vir á côrte a semana passada. Ao espalhar-se a noticia do seu encommodo, o coração dos seus fieis subditos se consternou; felizmente porêem o nosso adorado mo-

narcha está de todo restabelecido, pelo que vos dou os mais cordiaes parabens, tomando eu grande quinhão no vosso jubilo por esta noticia.

– Segundo resão as *Folhinhas* do corrente anno, é hoje o 30º dia do mez de maio, e tambem o domingo da Pascoa do Espirito Santo. Que o é não padece duvida, tanto que la vejo levantadas no Campo de Sant'Anna, da Honra, da Acclamação, das Immundicia, ou como melhor nome tenha, *algumas barracas*, das quaes umas de gosto, mas outras.... tão mal ataviadas, que se por dentro não estiverem melhor, não lhes passarei os umbraes.... mas quem vê cara não vê coração, e talvez que estas levem as lampas a aquellas. Até ver não é tarde, e pouco terá que viver quem por si mesmo não fôr decidir esta *importante* questão.

Nas freguezias do Campo Grande e de S. Gonçalo hão de haver tambem nestes dias de festa moscas por cordas e mosquitos por arames; mas eu como sou da seita de S. Thomé – quero ver para crer.

Eis o programma dos divertimentos conhecidos da festa do Espirito Santo; e ora passemos a tratar dos que já houverão.

– Comecemos pois pela sociedade Phil Euterpe.

Esta sociedade, onde tanto se da de guela como de pés, no seu ultimo baile não me encheu as medidas, mas *nec semper Lilia floret* (até já sei latim..., vejão lá como é bom ser procurada por um doutor que não é dos das duzias); toda-ia devo dizer-vos que se cantou soffrivelmente, e que os devotos de Therpsicore não perdêrão vasa.

– No sabbado (22) a Sylphide abriu tambem suas portas aos seus muitos frequentadores, que descontentes se retirárão lá pela madrugada, maldizendo a velocidade do tempo, no que lhes achei razão, porque a reunião foi brilhante e assás concorrida.

– O Recreio Campestre deu tambem o seu baile.... E que baile encantador! quantos feitiços! que magia! que jardim delicioso! que multidão encantadora! ali foi tudo contentamento, tudo prazer....

E a donzella passeava

Ao lado do amante seu,

Do baile pelo jardim,

Qual formoso cherubim,

Pelas campinas do Céu. (1)

– No dia 28 o aristocratico Cassino, rival de gloria do Campestre, se apresentou tambem nedio e fulgurante. Descrever sua grandeza e profusão, a magia das bellezas que o adornárão, e os lindos e vaporosos *toilettes* que la eu vi, seria um nunca acabar; o espaço que me é concedido nesta folha é pouco para tanto. Este baile foi muito concorrido, porque é usança dos *amadores* serem mais assíduos do segundo baile em diante.

– O nosso theatro lyrico deixou campo aberto ás sociedades cantantes e bailantes, até que sabbado nos deu o – Macbeth – que repetiu na quarta-feira desta semana. A *signora* Zecchini, digão embora o que quizerem os seus desaffeitados,

(1) Gomes de Souza.

—173—

cantou bem, e cada vez vai a melhor, Mas! que véo negro me encobre o coração ao traçar estas linhas!... Lá pagou o tributo da Natureza o scenographo que de ha pouco abordou ás nossas hospitaleiras praias.... E como não, se....

Em vão querereis que ao dia

Jamais a noite succeda,  
Que ao braço da morte impia  
Tudo que vive não ceda. (1)

O Sr. Labocetta tambem soffreu um forte ataque de asthma, segundo me affirmou o meu esculapio, que com as febres da quadra, vive n'uma dubadoura; e só me apparece por milagre. Deus o pouha de todo bom, e se amercie da alma do finado.

– Mais feliz, porém, que quantos cantores scenographos e cantoras tem vindo ao Rio de Janeiro, o decantado nigromante Kerr Alexander, que tambem esteve entre a cruz e a caldeirinha, continúa nas suas feitiçarias. Lá fez elle ultimamente bichas na garbosa Petropolis, em presença de SS. MM. II. e na de um luzi lo concurso de pessoas, a quem os mesmos Augustos Senhores se dignarão de convidar para assistirem ás proezas do egregio nigromante, depois das quaes houve um esplendido baile. Bem me diz o velho *Santos* que o feiticeiro falla com o diabo á meia noite.

– No hotel de França, lá na mesma Petropolis, outro baile derão tambem tres pessoas respeitaveis, o qual foi muito bem servido e reunio muita gente....

– E não me ia esquecendo do melhor?... forte cabeça é a minha! – No domingo 23, assisti no acanhado theatro de S. Januario á representação do drama do insigne Sr. Mendes Leal – Os Dous Renegados, – em que fez o papel de Samuel o nosso João Caetano. O drama foi em geral muito bem desempenhado, e convidamo-vos a todas para assistirdes á sua nova representação, logo que ella tenha lugar.

E que mais me resta a dizer-vos?... Por mais tratos que dê á imaginação nada encontro de notavel a mencionar-vos, a não ser que à reconstrucção do theat o de S. Pedro progride rapidamente, e que esta obra que, a meu ver, é sob e-maneira magestosa, é mais um padrão de gloria para aquelle que a dirige.

Deus o guarde, e permitta que em breve vejamos abertas ao publico as portas d'esse templo da arte.

E basta... que a não querer impingir-vos alguma noticia da *meia noite*, o que não é proprio do meu sexo, nada encontro nos meus apontamentos digno de ser mencionado...

Antes porém de dizer-vos o adeus do costume, vou offerecer-vos um presente que ainda vos não fez este jornal, e que eu o guardei para o fim por ficar aqui melhor collocado.



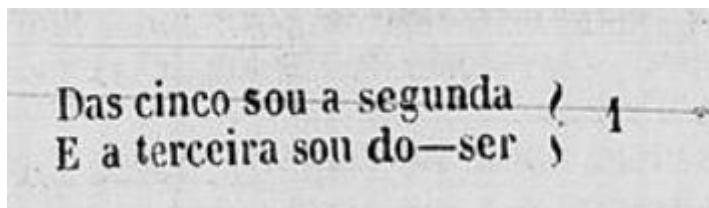
E' uma charada, um vaticinio realizado !,..

E não continuo a escrever mais para me não

(1) Gomes de Souza.

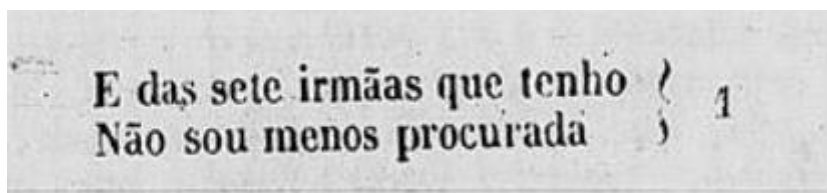
Perder na explicação: em o outro numero serei mais prolixa.

### CHARADA.



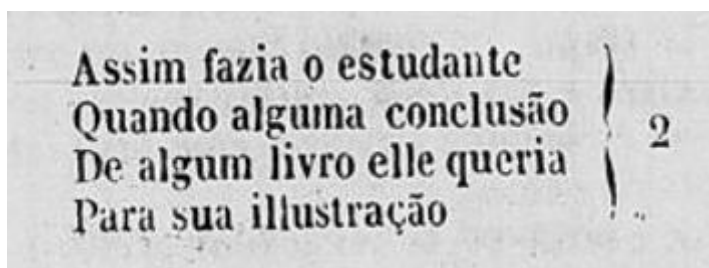
Das cinco sou a segunda

E a terceira sou do-ser



E das sete irmãs que tenho

Não sou menos procurada



Assim fazia o estudante

Quando alguma conclusão

De algum livro elle queria

Para sua illustração

Despe essas vestes mundanas,

Ah! sóbe ao lugar que é teu.

Não deve existir na terra

Quem para um anjo nasceu.

*Bellona.*

## MISTERIOS DEL PLATA. (‘)

---

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A história não é outra cousa que a relação desta interminavel lucha.

MICHELET, Historia de Franca.

### NOVAS PERSONAGENS.

Não longe da quinta de maza, em uma pequena casa, cercada de lindos jardins, morava o coronel Rojas com a sua filha Emirena : era o coronel, um antigo veterano da guerra da independencia, cujos serviços estavam sepultados no mais profundo esquecimento.

São onze horas da noite, do dia assás fecundo em acontecimentos que já narrámos.

O coronel e sua filha, porém, ignorão as cousas que nós temos referido ao leitor; fechados sempre em casa, longe de toda relação, servidos apenas por uma velha indígena da costa da Patagonia, a visita do joven Maza é a unica que interrompe o silencio daquela casa.

Ferido por um desses pezares incuraveis, ante os quaes até o decorrer do tempo é inutil, o coronel Rojas falla pouco; e essa negra desolação que o consome, imprime em torno d'elle uma atmospheria glacial, que faz expirar nos labios da joven Emirena o innocente sorriso dos seus désete annos.

São pois nove horas da noite, no momento em que acabamos de introduzir o leitor ao conhecimento destas novas personagens.

(<sup>1</sup>) Vide o n. 21.

—174—

O coronel e sua filha estão reunidos na sala de visitas; é esta uma habitação regular, cujos moveis já usados, porém cuidadosamente limpos, revelão o asseio da dona da casa; o melhor adorno que ali ha, é um rico piano de Erard e um magnifico vaso de porcelana, imitação de *Sevres*, carregado de mil flores, viçosas, odoríferas e raras.

Ao pé de uma mesa de costura, borda Emirena em silencio, e o seu perfil suave e encantador está assombrado por uma ligeira côr de melancolia, que a faz mais interessante ainda. Com quanto a estação esteja adiantada para o inverno, ella traja um vestido branco, de uma fazenda flexivel e vaporosa, estreitamente sujeito na breve e elegante cintura, com uma larga fita preta de setim.

Magnificos e luzentes, seus cabellos pretos o - tentão suas sedosas tranças acima da alta e bem delineada testa: Emirena não é alva, sem ser morena a sua pelle tem essa côr sem nome, que não é o branco alabastrino das mulheres do norte da Europa, nem o trigueiro das Andaluzas – essa côr de rosa desmaiada e suavemente dourada pelas brisas da nossa inculta Pampa, é a côr exclusiva das Portenhas ; reuni a isso, seus grandes olhos pardos coroados de largas pes anas, suas feições regulares e nobres, sua voz de timbre braudo e harmonioso, um abandono irresistivel nas maneiras que revelão toda a sua sensibilidade e candura, e eis-ahi o typo das mulheres da banda occidental do Plata.

Ha uma certa impaciencia nos movimentos da menina, ao mais ligeiro ruido levanta inquieta a cabeça, olha para a porta, mas enganada a sua esperança, torna a prestar toda attenção ao seu trabalho.... Quem não adivinha já um segredo de amor?

O coronel, com as mãos nos bolsos do seu paletot, passeia em silencio tambem, ás vezes levanta a cabeça e seus olhos se fitão em um retrato de mulher que occupa o centro da sala, e que, coberto de um espesso véo preto, não deixa perceber as feições; o coronel, depois de alguns segundos de abstracção estremecia todo elle, um gemido abafado lhe trasbordava do coração e deixava cahir a cabeça sobre o peito, seguindo-se a mais absoluta prostracção.

Outras vezes parava a contemplar com muda indesivel ternura o perfil gracioso e bello de sua filha.... uma expressão de serenidade e consolação derramava no seu rosto quasi a ventura.

Não obstante a preocupação do coronel, o toque das nove horas, que o vento trazia em som amortecido dos sinos das igrejas, parecceu despertar a sua ordinaria apathia ; e exclamou :

– Nove horas!... e Ramon ainda não veio! que novidade o poderá reter contra o seu costume !

Emi ena estremece, e aproveitando o ensejo que seu pai lhe offerece para dar desabafo á impaciencia que a devora, ella responde:

– O capitão Maza terá ido ao theatro.... a alguma partida.... não quereis que se aborreça de aqui vir?... a nossa sociedade é tão triste!

Por afastado que o coronel se tivesse conservado dos negocios do coração, elle bem sabia a

injustiça que preside sempre nos juizos das mulheres que estão apaixonadas.... por isso leve sorriso ironico the animou um instante as sombrias feições, e sacudiu a cabeça em ar de quem diz:

« Menina, tu não pensas no que dizes, nem assim o acreditas, mas fallas, porque queres dar pasto á tua impaciencia!

Com effeito, Emirena e o joven Maza, amavão-se desde os primeiros dias da adolescencia; a affeição que ligava os seus corações pertencia ao numero daquellas que plantadas no albor da vida, connosco crescem, arreigão-se, formando parte de nós mesmo, e filtrando toda a existencia que nos anima.... era uma dessas affeições que nem o tempo, nem a perfidia, nem demonio algum dos que perseguem os amores castos, podião vence-la ou extermina-la nos seus corações.

Poucos momentos se passarão ainda, e o joven capitão se apresentou aos seus amigos; o seu nobre rosto exprime tão bem as emoções que agitarão a sua alina, que ao apresentar-lhe a mão o coronel não pôde deixar de reconhece-lo, e disse-the:

– E então, capitão, o que ha de novo? que The aconteceu ao senhor!?.

– Oh! não é nada, coronel, respondeu o moço procurando sorrir-se

– Nada? não senhor, isso não é possível; seu rosto me diz o contrario – temos algum grave acontecimento....

Emirena que á entrada do capitão quer fingir um ar frio e reservado, tão depressa ouve as palavras de seu pai, e observa que o rosto de Ramon denunciá penosas emoções, a bella menina esquece tudo, e procurando o olhar do seu bem-amado parece dizer-lhe:

Sofframos juntos.

Ramon sabe que golpe vai desfechar no coração do coronel, e confuso não atina o começo da fatal noticia que temia dar.... senta-se junto de Emirena, o coronel em frente de ambos e todos tres, pallidos, mudos, e irresolutos ficam em silencio.

O primeiro que falla é o coronel.

– Falle, capitão; o senhor bem sabe que tudo quanto é da sua familia me interessa, talvez mais que os meus proprios negocios.... a familia que está ligada ao meu caro Alsina, é para mim uma segunda familia.

– Vou satisfazer o meu amigo, responde Maza, porém de antemão arme-se de coragem e de resignação.

– E por ventura estaria eu vivo, sem possuir a mais estoica coragem? sem levar a resignação até o mais requintado ponto?... oh! falle, falle, meu joven amigo; mais uma gota de fel na taça das minhas amarguras... é pouca cousa.... falle; sou homem, sei soffrer !

– Conheço o character elevado do meu amigo, mas a noticia que vou dar-lhe é terrivel!

– Oh! já vejo que se trata de Alsina! exclama Rojas, e seu rosto se cobre de livida pallidez.

Emirena toma a palavra.

– E' alguma má noticia do Dr. Alsina ?!

– Ah! senhora, uma noticia bem infausta....

—175—

meu cunhado está no Ponton.... minha mana, desembarquei-a hoje.... lá está em casa!

– Ah! exclamou Emirena cruzando as mãos sobre o peito. Piedade, meu Deus! meu Deus, vellai sobre elles !... E duas lagrimas the correm pelas faces.

– Preso no Ponton! repete Rojas depois de uma pausa. Mas como?!

– Atraiçoado! vendido! retorna Maza.

– Miseráveis! cobardes! dizia Rojas, tremendo ligeiramente, e alisando os largos e ruivos bigodes, encrespados de raiva.

Depois essa colera passou, e uma lagrima rolou nos olhos do velho soldado: e disse com voz mal segura pela emoção.

– Alsina preso no Ponton! Alsina carregado de ferros e sumido n'um lobrego Ponton! Esse coração tão nobre, tão generoso, tão leal para os seus amigos!... Essa cabeça tão inteligente, tão bella, tão esperançosa para a patria! esse homem tão virtuoso, abysmado no lugar que a justiça humana marca como o purgatorio do crime! Ah! Rosas! é esta a tua obra de restauração! é este o systema que tu proclamas – federal! Oh! quanto seria bemdita do Eterno a mão que te atravessasse esse impio coração !...

Rojas cruza os braços sobre o peito, e curva sua fronte pallida, onde o sabre hespanhol deixou uma profunda cicatriz, como uma corôa de martyrio – ao nobre guerreiro de Maio.

Ramon e Emirena, mudos e contristados, trocção tristes olhares, e nem se atrevem os seus labios a um brando sorriso de amor!

Ah! triste mocidade a nossa! tristes amores que a proscripção murchou! pares infelizes, cujo leito nupcial foi pela mór parte a fria e negra sepultura! Constancia inutil que só recebeu o galardão da morte!

Ah! quantos sonhos queridos esvaecidos pela mais acerba decepção! quanta suave esperança dissipada pelas balas dos soldados de Rosas! que de brilhante porvir calcado pelos ferros dos ferozes lanceiros de Oribe !... Pobre mocidade!

-- Paciencia, meu coronel! disse Ramon. Na época presente, não ha garantia possivel contra a perseguição politica! N'outro tempo era um dezar para o homem de honra ir ter á cadêa....

era una nodoa no seu nome.... era um opprobrio para a sua familia! Mas hoje, debaixo da tyrannia de Rosas, cruzar as cadêas e ser agrilhoado é uma honra. São os martyres da revolução, cujos nomes grava em letras de ouro o buril do historiador.... Entramos na senda dos perseguidos.... e quem sabe até onde chegará a vingança de Rosas!...

- Ah! que porvir! que porvir se prepara para essa triste mocidade!...
- Seja qual for saberemos lutar!
- Vamos, disse Rojas levantando-se; vamos ver a Sra. de Alsina!

O coronel, Emirena e Ramon, depressa atravessarão o espaço que separava as duas quintas, e D. Antonia viu-se rodeada de amigos devotados! recebendo os cuidados mais ternos que possui a família, as consolações mais supremas que nos dispensa a amizade nas horas infaustas da vida!

Já era muito tarde quando separarão-se aquellas duas famílias, que o infortunio começou a ligar, e que o amor promettia reunir em um só laço com a união de Ramon e Emirena.

*(Continua.)*

---

Com este numero damos ás nossas assignantes uma simples e pequena valsa, intitulada – AS LAGRIMAS DA AMIZADE – limitada offerenda, mas permittí que demos este fiel testemunho de veneração á memoria da Exm. Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueredo, nossa sempre pranteada collaboradora e amiga sincera. É sua a composição desta valsa – tão triste, tão sentimental.... e feita no meio de sua prospera e virtuosa existencia, rodeada de amigas, das caricias de um terno esposo, de prazeres e galas...!

Foi um anjo que subio ao seio de Deus.

---

### **JORNAL DAS SENHORAS.**

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú nou terna, modinha brasileiras, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN. n. 70, A. E. F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDECIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: por tres mezes 3U000 rs. Na Côrte, 4U000 rs. Para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

---

Rio de Janeiro-Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.